

Ensino de História não é Educação, mas calma que eu explico!

Arnaldo Martin Szlachta Junior¹

Às vezes ainda me deparo com debates de colegas Historiadores, sobre a real necessidade de existir a aprendizagem da Ciência Histórica na Educação Básica, alguns poucos ainda insistem que a saída para discussões aprofundadas e dignas de uma “boa historiografia” estariam apenas nos cursos de Bacharelados em História ou nas pós-graduações acadêmicas. Um colega Historiador, que nessa ocasião chamarei de Cláudio, que possui um bom trabalho sobre questões políticas na Ditadura Militar no Brasil, sempre destacava que meu lugar, como pesquisador do Ensino de História, pertencia a Educação, era comum ouvir ele dizer expressões como: “ Há proximidades entre vocês da Educação conosco da História”, “vocês da Educação” ou ainda “A metodologia da História diferentemente da Educação” entre tantas outras expressões que destacasse a divisão das áreas na visão dele.

Numa das oportunidades que tive de debate com Cláudio, destaquei que a contribuição dele como um pesquisador das Ciências Sociais eram importantes para o debate com a História, como era de se esperar, ele questionou imediatamente meu equívoco, corrigindo que ele era um pesquisador da História Política. De pronto respondi: “Talvez agora você entenda que, o que eu faço é tão História quanto o que você faz”. Após um silêncio largo e alguns cochichos indagantes, os trabalhos retomaram. Ele nunca mais me associou à Educação, e desta vez, quem teve o líquido de veneno despejado em seus ouvidos foi Cláudio.

O fato narrado acima, independentemente de ter sido real ou não, é para elucidar que além das complexas possibilidades que compõe o campo da História, nós nos identificamos como Historiadores, e o que produzimos como História, e principalmente por trabalharmos com: fontes históricas, relações do espaço e tempo, memórias e suas construções narrativas. Ora, se temos toda essa formação em que momento deixamos de ser pesquisadores da História? Entrar numa sala de aula nos desqualifica como Historiadores? Na Universidade não há professores de Histórias? É possível um professor

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá, Docente na Universidade Federal de Pernambuco atuando na Licenciatura em História, no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa do mestrado profissional PROFHISTÓRIA. Correio eletrônico: arnaldo.szlachta@ufpe.br

pesquisador? – Por trás destes questionamentos fica evidente um elitismo intelectual, recheado de uma série de preconceitos velados e outros bem escancarados no meio acadêmico, cujo vértice é a visão que a o Ensino de História é uma prática menor, não nobre, e relegado à meras técnicas pedagógicas que para muitos profissionais do nosso ofício nem deveriam existir.

Diversos pesquisadores do campo de Ensino de História entendem que o texto “Os objetivos do ensino da História no curso secundário” da Emília Vioti da Costa publicado em 1957 como manuscrito que fundou o debate sobre o Ensino de História como área de pesquisa, mesmo ainda calcado na discussão das diferenças da História como “Ciência” e como “Matéria”, a autora destacava naquele momento que o professor de História através do método histórico, possibilitava o aluno a formular sua concepção de mundo “O aluno aprende a expressar-se, a formular suas idéias com clareza e método. O aproveitamento da História nesse sentido depende, evidentemente, da orientação seguida pelo professor” (COSTA, 1957 p.119).

Com o fim da História como disciplina da escolar em 1971, o debate da área de pesquisa em Ensino de História se desorganizou, e as poucas pesquisas sobre o que se imaginava como o “aprender História”, se configuraram em trabalhos que em grande parte utilizavam conceitos das fases do desenvolvimento cognitivo da teoria concebida por Jean Piaget (1976), biólogo e psicólogo suíço cujas ideias levaram alguns pesquisadores a afirmar que a compreensão satisfatória de uma Ciência Humana/Social tão cheia de conceitos abstratos, como é o caso da História, só poderia se dar nos indivíduos após os quatorze anos em média. Inclusive tal perspectiva do campo da Educação foi utilizada (erroneamente), para justificar o aspecto tecnicista da Lei 5.692/71, que por meio do parecer 853/71 no item *Atividades, Áreas de Estudos e Disciplinas* “justificou” o fim as disciplinas de Humanas, incluindo a História, por cerca de 15 anos. (CHAKUR, 2015, p.29)

Nesse sentido, fica evidente que o debate fundante do Ensino de História como pesquisa no Brasil surge pela História, com o desaparecimento da disciplina escolar a História na academia acaba relegando o Ensino às dimensões da Pedagogia, que constituiu uma perspectiva de Metodologia de Ensino dos conteúdos, ao invés da busca de compreender a aprendizagem e construção do conhecimento Histórico Escolar. Mas com as pesquisas mais recentes, linhas em programas de pós graduação em História e o mestrado profissional ProfHistória efetivam cada vez mais, a identidade do Ensino de História

como *locus* de pesquisa de diversos saberes históricos pela abordagem da ciência e teoria da História.

Destacamos nesse *locus* específico da ciência histórica, trabalhos que buscam pensar a relação de Ensino e Aprendizagem em História, refletindo a condição do pensamento histórico, que apesar de contraintuitivo e complexo, pode de fato ser desenvolvido em crianças e jovens por meio do uso das fontes históricas, construções de narrativas e entendimento das relações do tempo conseguem constituir uma visão multiperspectivada da História escolar.

Pensando a pesquisa do Ensino de História, na perspectiva do Ensino e Aprendizagem, pode parecer, num primeiro instante, impossível pensar essa construção se não for pelos conceitos da Educação e Psicologia. Mas quando observamos a própria natureza da disciplina escolar da História, percebemos que o caminho de uma aprendizagem histórica além de possível, é extremamente urgente.

Os conteúdos da História se tornam úteis na medida em que é há a possibilidade desses serem manipulados pelos alunos. Uma história narrada pelo professor é mais uma das tantas narrativas que os educandos se deparam cotidianamente, nesse sentido é extremamente necessário apresentar para a turma perspectivas narrativas distintas, apoiado com o uso das fontes.

Para isso, o grau de desenvolvimento cognitivo de cada série, deverá ser levado em consideração de cada faixa etária e, ao mesmo tempo, subordinar a seleção de conteúdos e abordagens didática às necessidades educacionais e habilidades cognitivas destes alunos, mas considerando que em cada idade eles serão capazes de realizar constructos históricos que façam sentido para eles.

Cada época exigirá um estágio diferente de conhecimento histórico, o ponto de partida é um debate sobre os domínios de noções de tempo de cada uma sobre a dimensão temporal convencional, passando para o entendimento da situação espacial, de objetos, localidades e espaços geográficos mais amplos, podendo assim formular análises e caracterizações históricas ou análise dos espaços e as relações sociais. Como claramente você não pode começar uma casa pelo telhado e, portanto, deve começar a construir as fundações e colunas que, à primeira vista, têm pouco a ver com o assunto. Com perguntas e questionamentos simples, é possível chegar a elaborados conhecimentos históricos, até

mesmo com as crianças pequenas, mas que são sem dúvida, constituídos necessariamente por discussões da ciência histórica, e não por teorias e conceitos da Educação.

A *History Educacion* inglesa, pensam em diversos conceitos para a busca da *Literacia Histórica* (letramento), possibilitando assim a *progressão de conhecimentos históricos*, da maneira a refletir sobre como se constroem histórias, por sua vez, vem a ser útil para os alunos tanto na aproximação, quanto na diferenciação do presente para com o passado, alterando suas formas de “ler” o mundo e a realidade e, enfim, confirmando o papel transformativo da História. Progressão de conhecimentos históricos está além da aprendizagem dos conteúdos de história, mas sim, permite ao aluno utilizar ferramentas que o possibilitem a aprender a *pensar historicamente* “aprender a história como uma forma de reorientação cognitiva, em que as crianças aprendem a ver o mundo de novas e mais complexas maneiras, a realização da aprendizagem histórica torna-se algo que transforma a sua visão (LEE, 2016 p. 116).

Dentre as contribuições para pensar o Ensino de História trazemos também um movimento que surge na Alemanha a partir de discussões da Teoria da História, a Didática da História, expressão traduzida do alemão *Geschichtsdidaktik*, surgida na República Federal da Alemanha após a segunda guerra mundial, e que “define o campo criado (...) para pesquisar não apenas o ensino de história na escola básica, mas também a circulação social da história de uma maneira mais ampla” (CARDOSO, 2019, p. 79).

Pensar a o Ensino de História associado a questão da *práxis* cotidiana e com a nossa relação com o tempo (passado, presente e expectativa de futuro), faz da Didática da História uma abordagem intrinsecamente ligada à ciência da História (ou Ciência Histórica), não sendo possível conceber um estudo sobre as várias formas de circulação social do conhecimento histórico, sem a compreensão da natureza deste último em particular. Não se trata, porém, de uma uniformização do conhecimento acadêmico como, por exemplo, o conhecimento escolar, pois, segundo Jörn Rüsen (2001) “(...) há uma diferença qualitativa, que logo se evidencia quando se promove a reflexão sobre os fundamentos do ensino escolar de maneira análoga à que se faz com a teoria da história como disciplina especializada” (p. 50).

Em diversas oportunidades de formação de professores de História, ao demonstrar a importância da atuação de um professor pesquisador, muitos acabam não se comprometendo com essa prática, e desculpas como “Quero ver fazer isso numa sala com quarenta alunos” ou “Eu tenho que preparar as aulas, não tenho tempo de ficar fazendo

pesquisa na sala de aula” entre tantas outras são muito comuns. Um conceito que venho trabalhando nesse ano na formação de professores é o *Historiador Docente*, proposto por Thiago Augusto Divardim de Oliveira (2020), entendemos assim, que o professor não abandona sua dimensão identitária de Historiador, podendo pensar a aula de História e construção de saber histórico escolar pela circulação dos conhecimentos científicos adquiridos na academia.

Bodo Von Borries (2009) entende que a História está além de uma narrativa cronológica, mas se configura como um modelo de pensamento. Sendo que a aula de História parta das experiências e necessidades dos alunos, a práxis da vida (*lebenpraxis*). Como exemplo da História como modelo de pensamento, o Historiador alemão destaca o seguinte questionamento realizado por uma criança “Papai, por que os austríacos não são alemães, apesar de eles falarem alemão?” (BORRIES, 2016 p. 172), ou seja, a explicação nesse sentido não seria algo lógico ou pela natureza, mas o entendimento sobre a questão seria somente contando uma história sobre o passado para ser elucidada. Tais perspectivas que apresentamos aqui, são algumas dentre tantas possíveis, pois pensar o Ensino de História articulado pelo pensamento histórico, e garantir um lugar próprio na Ciência Histórica, garantindo a identidade necessária, e não menoscabando para uma área abrangedora e genérica da Educação como a da *Didática de conteúdos específicos* por exemplo, que sem as devidas leituras, reflexões e debates do campo, poderia se inclinar para uma prática escolar calcada em meros reprodutivíssimos das temáticas históricas debatidas na academia.

Quando insisto que a área do Ensino de História pertence ao campo investigativo da História, isso não significa que não possa e que não ocorra trocas epistemológicas entre as diversas ciências humanas, aliás, isso é extremamente comum quando observamos conceitos e autores que embasam discussões historiográficas. Ana Maria Monteiro (2005), numa memorável conferência durante o XXIII Simpósio Nacional de História realizado na Universidade Estadual de Londrina pela ANPUH, apresenta o conceito *Lugar de Fronteira* que se tornou um dos conceitos basilares na discussão sobre o Ensino de História, segundo Monteiro, o Ensino de História estaria num lugar de fronteira entre a História e a Educação. Realmente, o Ensino de História está num lugar de muitas fronteiras, até mesmo pelo fato da própria natureza da ciência da História, que se utilizar das relações fronteiriças na sua constituição científica.

O Ensino de História utiliza sim de conceitos da Educação, assim como das Ciências Sociais, da Filosofia, Antropologia entre outros diálogos das mais diversas e distintas fronteiras. Pensamos o então o Ensino de História, como um *Lugar de Diálogos*, pois além das relações com as diversas ciências, busca-se cada vez mais evidenciar os sujeitos e aspectos identitários de uma *práxis* escolar, com uma identidade claramente pertencente a Ciência Histórica.

A intencionalidade desse texto foi de lançar reflexões sobre o campo do Ensino de História, e apresentar alguns motivos pelos quais entendemos que ele é uma especificidade da Ciência da História, e que com certeza dialoga com a área da Educação. É claro que a ligação com a área da Educação se faz forte pelo fato de a ciência histórica ter abandonado as discussões epistemológicas durante décadas, o que ocasionou separações institucionais perceptíveis até hoje, colocando os docentes e seus debates fora dos departamentos e dos Programas de Pós-graduações em História. Entendo que é um espaço que deve ser retomado e reconquistado e sua identidade reconhecida. Deixo um questionamento que recebi de Horácio, um aluno músico numa disciplina de Estágio supervisionado que ministrei “sou professor de música, e me sinto mais músico do que um educador, e por que na História, como professor de História, não posso me sentir Historiador?”

Referências Bibliográficas

BORRIES, Bodo von. Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico ou conhecimento do cânone histórico? 1. **Educar em Revista**, p. 171-196, 2016.

CARDOSO, Oldimar. Didática da História. In: FERREIRA, M. de Moraes; OLIVEIRA, M. Maria Dias de (coords.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

CHAKUR, C R S L. **A desconstrução do construtivismo na educação: crenças e equívocos de professores**, autores e críticos [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015

COSTA, E V da. Os objetivos do ensino da História no curso secundário. **Revista de História**, v. 14, n. 29, p. 117-120, 1957.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa1. **Educar em Revista**, p. 107-146, 2016.

MONTEIRO, A M. Ensino de História: lugar de fronteira. In: ARIAS NETO, José Miguel (org.) História: guerra e paz. XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH, 2005, p.80-81

OLIVEIRA, T A D de. Pressupostos da pesquisa e da formação continuada de historiadores docentes: uma contribuição da Educação Histórica. **Roteiro**, v. 45, p. 1-24, 2020.

PIAGET, J. **A equilibrção das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976

RÜSEN, J. **Razão histórica: teoria da história I: fundamentos da ciência histórica**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.